

UNIVERSIDADE TECNOLÓGICA FEDERAL DO PARANÁ  
DEPARTAMENTO ACADÊMICO DE COMUNICAÇÃO E EXPRESSÃO – DACEX  
VIII ESPECIALIZAÇÃO EM LITERATURA BRASILEIRA E HISTÓRIA NACIONAL

RODRIGO WIELER

**CAPÍTULOS DA HISTÓRIA BRASILEIRA: TRAÇOS DO ROMANCE HISTÓRICO  
EM *ASFALTO SELVAGEM*, DE NELSON RODRIGUES**

**MONOGRAFIA DE CONCLUSÃO**

CURITIBA  
2013

RODRIGO WIELER

**CAPÍTULOS DA HISTÓRIA BRASILEIRA: TRAÇOS DO ROMANCE HISTÓRICO  
EM *ASFALTO SELVAGEM*, DE NELSON RODRIGUES**

Monografia apresentada como requisito parcial para obtenção do grau de especialista em Literatura Brasileira e História Nacional, Universidade Tecnológica Federal do Paraná. Área de Concentração: Tecnologia e Trabalho.

Orientador: Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. Naira de Almeida Nascimento

CURITIBA  
2013

Às minhas duas pequenas.

## RESUMO

WIELER, Rodrigo. Capítulos da história brasileira: traços do romance histórico em *Asfalto Selvagem*, de Nelson Rodrigues. 2013. 31f. Monografia (Especialização em Literatura Brasileira e História Nacional) Programa de Pós-Graduação, Universidade Tecnológica do Paraná. Curitiba, 2013.

O presente trabalho tem por objetivo identificar a presença de elementos do romance histórico em *Asfalto Selvagem*, do jornalista e escritor Nelson Rodrigues. Publicado na forma de folhetim no jornal *Última Hora* de agosto de 1959 a fevereiro de 1960, ano exato da mudança da capital federal da cidade do Rio de Janeiro para Brasília, tal obra é perpassada por diversos acontecimentos políticos que servem de pano de fundo aos acontecimentos cotidianos dos personagens. Dessa forma, é válido questionar se o livro em foco pode ser lido como um romance histórico. Para tanto, é utilizada, além do romance rodrigueano em análise, a obra que define o termo “romance histórico”, a saber, *O romance histórico*, do húngaro György Lukács. Outros aporte, de autores como Marilene Weinhardt e Alcmeno Bastos, complementam o estudo, que percorrerá uma delimitação do que é um romance histórico, quais são suas características mais marcantes e sua posterior verificação na obra selecionada de Nelson Rodrigues.

**Palavras-chave:** Nelson Rodrigues. *Asfalto Selvagem*. Romance histórico. György Lukács.

## ABSTRACT

WIELER, Rodrigo. Brazilian history chapters: historical novel traces in *Asfalto Selvagem*, from Nelson Rodrigues. 2013. 31f. Monografia (Especialização em Literatura Brasileira e História Nacional) Programa de Pós-Graduação, Universidade Tecnológica do Paraná. Curitiba, 2013.

This work wants to identify elements of the historical novel in *Asfalto Selvagem*, from brazilian journalist and writer Nelson Rodrigues. Published as a serial novel at *Última Hora* newspaper from August 1959 to February 1960, year that capital city moved from Rio de Janeiro to Brasília, the book has several political facts as a background to the characters lifes. So, it's important to question if that book it's a historical novel or not. Further the main novel, it's used for the survey *O romance histórico*, from the hungarian György Lukács and the Marilene Weinhardt's and Alcmeno Bastos' works.

**Keywords:** Nelson Rodrigues. *Asfalto Selvagem*. Historical novel. György Lukács.

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO.....</b>	<b>7</b>
<b>2 O ROMANCE.....</b>	<b>8</b>
2.1 O ROMANCE FOLHETINESCO E SUAS PECULIARIDADES.....	9
2.2 O ROMANCE HISTÓRICO.....	11
<b>3 ASFALTO SELVAGEM.....</b>	<b>15</b>
3.1 APRESENTAÇÃO DA OBRA.....	15
3.2 CONTEXTUALIZAÇÃO HISTÓRICA.....	17
<b>4 ANÁLISE DO ROMANCE.....</b>	<b>19</b>
4.1 O FOLHETIM RODRIGUEANO.....	19
4.2 A VISÃO LUKÁCSIANA.....	21
<b>5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>28</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>31</b>

## 1.INTRODUÇÃO

De acordo com Lukács (2011, p. 46), “o romance histórico scottiano [do escocês Walter Scott] é continuação direta do grande romance social realista do século XVIII”. Assim, a presente pesquisa visa investigar a existência de traços desse romance histórico em um folhetim publicado no século XX e com temática histórica.

Enquanto o filósofo húngaro acredita que Walter Scott é o baluarte desse tipo de romance, uma série de outras obras editadas posteriormente parecem conter as mesmas características presentes na análise de Lukács sobre tal tipo de escrito.

A obra aqui em foco, *Asfalto Selvagem*, do jornalista, cronista e dramaturgo – além de romancista – Nelson Rodrigues, parece ser uma dessas produções que se configuram com as características apontadas pelo estudioso do romance histórico. Publicado em forma de folhetim no jornal *Última Hora* de agosto de 1959 a fevereiro de 1960, o romance que apresentou ao mundo a personagem Engraçadinha, eternizada anos depois em uma minissérie veiculada pela Rede Globo de televisão, passa-se durante o processo de mudança da capital federal do Rio de Janeiro para Brasília, consolidado em abril do ano em que a obra terminou de ser publicada.

Se a História jamais para de acontecer, em um romance histórico ela é-nos apresentada por meio do cotidiano, dos planos, medos, desejos e anseios do homem comum. A tentativa é de identificarmos como a mudança dos rumos históricos do país permeia a vida de “heróis” medianos. Tendo isso em vista, o ponto de partida é averiguar em que contexto histórico surgiu o romance e elencar as peculiaridades desse gênero, a partir da leitura minuciosa de Watt (1990). Investigamos, também, as características do romance folhetinesco e sua importância literária, especialmente para o Brasil, a partir do ponto de vista de Gramsci (1978) e Arnt (2004). Em seguida, as leituras de Bastos (1999 e 2007), Esteves (2010) e Weinhardt (1994) complementam o panorama do romance histórico propriamente dito, a partir das particularidades apresentadas por Lukács (2011).

Por fim, com o intuito de verificar na prática a existência de vestígios do romance histórico na narrativa rodrigueana, apresentamos um breve recorte do romance, à luz da teoria lukácsiana. Para tanto, transfigura-se como questão essencial e primeira o fato de Nelson Rodrigues estar escrevendo sua ficção *in media res*, ou seja: enquanto a história está acontecendo. Amparado pelos estudos de Alcmeno Bastos, buscamos verificar em que medida isso pode interferir na classificação – ou não – de *Asfalto Selvagem* como um romance histórico.

Por questões de espaço e para não apresentar um estudo tão detalhado quanto extenso, que extrapolaria os limites deste trabalho, tomamos como análise três excertos dos 112 capítulos de *Asfalto Selvagem*, a saber: o de número 50, o de número 93 e a passagem compreendida entre os capítulos 104, 111 e 112.

Ainda em tempo, é válido também lembrar que o âmbito dessa pesquisa não é a História, mas que, por razões pelas quais ela se configura como de suma importância, ela auxilia nosso estudo como parâmetro ao menos norteador.

## 2. O ROMANCE

Ao falarmos em romance, parece vir à lembrança, imediatamente, o estilo de escrita mais consagrado e, conseqüentemente, mais palatável existente. No entanto, apesar de reconhecido, trata-se de um gênero relativamente novo e com ingredientes que o tornam característico da contemporaneidade.

O surgimento do romance e sua preponderância sobre as demais formas de escrita remonta ao fim do século XVIII e início do século XIX. Porém, para o estudioso inglês Ian Watt (1990, p. 15-16): “(...) desde o Renascimento havia uma tendência crescente a substituir a tradição coletiva pela experiência individual como árbitro decisivo da realidade; e essa transição constituiria uma parte importante do panorama cultural em que surgiu o romance”. Mas que “panorama cultural” seria esse enunciado pelo estudioso?

Com o surgimento das cidades medievais e o posterior êxodo rural, potencializado pela Revolução Industrial e a ciência, o indivíduo passou a ter importância fundamental na sociedade. Sobre isso, postula Watt (1990, p. 14): “(...) Descartes (...) e suas *Meditações* contribuíram muito para a concepção moderna da busca da verdade como uma questão inteiramente individual, (...)”, para depois afirmar que:

O romance é a forma literária que reflete mais plenamente essa reorientação individualista e inovadora. As formas literárias anteriores refletiam a tendência geral de suas culturas a conformarem-se à prática tradicional do principal teste da verdade: os enredos da epopeia clássica e renascentista, por exemplo, baseavam-se na História ou na fábula e avaliavam-se os méritos do tratamento dado pelo autor segundo uma concepção de decoro derivada dos modelos aceitos no gênero. O primeiro grande desafio a esse tradicionalismo partiu do romance, cujo critério fundamental era a fidelidade à experiência individual – a qual é sempre única e, portanto, nova. (WATT, 1990, p. 14-15)



Assim, com as muitas mudanças que ocorreram na sociedade europeia em tão pouco tempo, Watt (1990) assegura que o romance é a forma de escrita óbvia de uma cultura que sempre privilegiou a inovação.

Segundo Watt (1990, p. 19) “o paralelo entre a tradição do pensamento realista e as inovações formais dos primeiros romancistas é evidente: filósofos e romancistas dedicaram ao indivíduo particular maior atenção do que este recebera até então”. A princípio, pela nomenclatura dos seres atuantes na obra. Os romancistas iniciais quebraram a tradição e nominaram as personagens, a fim de que fossem vistas como sujeitos individualizados e particularizados (WATT, 1990). Tal artifício tem como “(...) função primordial (...) mostrar que a personagem deve ser vista como uma pessoa particular, e não como um tipo” (WATT, 1990, p. 21).

Além disso, para Watt (1990), as personagens de uma obra podem ser particularizadas apenas com tempo e espaço apresentados e delimitados. Essa era a época que o romance deveria render mais frutos, já que para o estudioso britânico, desde o Renascimento, o tempo é, além de uma medida capital da realidade física, o motor que lapida a história do homem, tanto individual quanto coletivamente. E também:

(...) a moderna noção de tempo começou a permear muitas áreas de pensamento. O final do século XVII assistiu ao surgimento de um estudo da História mais objetivo e, por conseguinte, de uma compreensão mais profunda da diferença entre passado e presente (WATT, 1990, p. 24).

Assim, ao analisar os estilos anteriores, Watt (1990, p. 26) assevera que “na tragédia, na comédia e na narrativa o lugar era tradicionalmente quase tão genérico e vago quanto o tempo”.

Portanto, com o romance, nascera uma nova forma de literatura que possuía diferenças flagrantes para os gêneros anteriores. Ainda mais quando se fala em romance de folhetim, algo surgido junto com a popularização do público leitor dos jornais, já nos anos 1800.

## 2.1 O ROMANCE FOLHETINESCO E SUAS PECULIARIDADES

A partir do século XIX, com o inchaço dos grandes centros e com a crescente alfabetização da população urbana, o público leitor foi consideravelmente ampliado na Europa. Todavia, o livro ainda era um instrumento de alto valor para uma burguesia que

estava, pela primeira vez, conquistando melhores rendimentos e participando ativamente da vida econômica das nações.

Por isso, coube ao jornal o papel de suprir a demanda desse público pela leitura não só informativa, mas também ficcionalizada, retratando, muitas vezes, histórias com personagens e enredos relacionados a essa mesma camada social. Assim, o investimento nesse tipo de literatura passou a ser óbvio entre os jornais dos países do Velho Mundo e “o século XIX francês foi indubitavelmente um período áureo do romance de folhetim (...)” (GRAMSCI, 1978, p. 103). Também segundo o italiano, os jornais são mecanismos políticos e financeiros e não têm como objetivo principal propalar a Literatura, exceto se esta for aumentar sua vendagem. Por isso, o romance de folhetim é uma forma de disseminar esse meio de comunicação entre as camadas menos eruditas (idem).

É por isso que,

No século XIX, literatura e jornalismo vão ser indissociáveis. Os maiores escritores da literatura universal passaram pela imprensa, não só como jornalistas, mas como cronistas, escritores de folhetins e romancistas. Este período que vai de 1830 ao final do século pode ser qualificado como de Jornalismo Literário e se caracterizou pela presença maciça de escritores nos jornais, que melhoraram a qualidade do texto, produzindo um tipo de informação mais sutil sobre a sociedade. (ARNT, 2004, p.47)

Também para Arnt (2004), a literatura foi intensamente influenciada pelo fato de os escritores terem passado pela imprensa, que, por sua vez, teve papel essencial na divisão em segmentos de todos os letrados. Aqueles que eram apenas alfabetizados se depararam com um incentivo à leitura, gerando, conseqüentemente, um acréscimo na produção dos jornais.

Porém, a relação do público leitor com os romances de folhetim é diferenciada daquela tradicionalista dos leitores de romances convencionais. Gramsci (1978) assevera que os consumidores de folhetins têm muito mais interesse e amor pelos escritores do que os leitores ditos cultos, consumidores de obras de D’Annunzio e Pirandello<sup>1</sup>.

É essa afinidade dos leitores que leva Gramsci (1978, p. 104) a assegurar que:

---

<sup>1</sup> Gabrielle D’Annunzio foi um poeta e dramaturgo italiano da virada entre os séculos XIX e XX e Luigi Pirandello um importante poeta, dramaturgo e romancista da mesma época, vencedor do Prêmio Nobel de Literatura em 1934. Ambos foram muito afamados e determinantes tanto na cena literária quanto na política italianas dos anos anteriores ao Fascismo e durante a ditadura de Benito Mussolini.

(...) o jornal procura o romance, o tipo de romance, que agrada “certamente” ao povo, que assegura uma clientela “continuativa” e permanente. O homem do povo só compra um jornal quando o compra [sic]: a escolha do jornal nem sequer é pessoal, mas frequentemente motivada pelo grupo familiar: as mulheres pesam muito na escolha e insistem no “belo romance interessante” (isto não significa que os homens não leiam também o romance; mas as mulheres, por certo, interessam-se particularmente pelo romance e pela crônica dos fatos cotidianos).

Por conta disso, “com a ficção folhetinesca, que não se pretendia informativa, vemos refletida como num espelho a sociedade da época” (ARNT, 2004, p. 48).

Como a do Brasil oitocentista, que, de acordo com Arnt (2004), após ter início com o jornalismo literário em 1852, com *Memórias de um Sargento de Milícias*, de Manuel Antônio de Almeida, teve seu ponto alto com:

(...) *O Guarani*. A cor local, dos amores do índio Peri pela branca Ceci, trouxe uma revolução ao gênero e abre espaço para a publicação de autores brasileiros. No Rio de Janeiro analfabeto, *O Guarani* será lido para empregados e agregados. Em São Paulo o Diário do Rio de Janeiro era esperado com entusiasmo e era lido em grupos, conforme escreve Visconde de Taunay em *Reminiscências*. (ARNT, 2004, p. 50)

No entanto, Arnt (2004) delimita a grande influência do folhetim na vida literária-cultural brasileira entre 1852 e 1907<sup>2</sup>, recorte temporal que, talvez por já se tratar de uma época em que tal tipo de produção se configurava como exceção e não regra, não compreende os grandes romances publicados em jornal de Nelson Rodrigues que seriam parte menos conhecida – entretanto importante – da produção do dramaturgo e contista entre as décadas de 1940 e 1960.

## 2.2 O ROMANCE HISTÓRICO

Se existe uma classificação diferenciada, como uma forma de subclassificação do romance, denominada *histórico*, é válido questionar quais são as características que o configuram como tal.

---

<sup>2</sup> “Apesar do [sic] gênero folhetinesco ter ido mais longe no século XX, e a crônica de influência literária nunca ter deixado de estar presente no jornalismo brasileiro, a influência literária diminui paulatinamente e os jornais começam, a partir daí, a ter características diversas, caminhando em direção à grande imprensa informativa” (ARNT, 2004, p. 49).

Porém, antes disso, vale lembrarmos que, independentemente de haver essa categorização, a História sempre foi uma disciplina cara ao romance, presente nesse gênero desde o seu início. Primeiro, por serem atividades que, de certa forma, se complementaram. Ao retratar personagens, indumentária, tradições e outros costumes de diversas partes do mundo, as belas-lettras ajudaram a contar histórias que, somadas e transpostas ao discurso “oficial”, auxiliam a contar a História. Em seguida, fruto de um tempo em que nações e estados se formavam, o romance foi um dos veículos artísticos que ajudou a exaltar cores locais e incensar costumes nacionais, criando tradições literárias e moldando um público leitor.

É impossível, exatamente por isso, iniciar qualquer pesquisa a respeito do romance sem perceber esse elo. Assim como não se pode deixar de passar pela visão de quem primeiro estudou o específico tipo de romance em questão. Enunciadas na obra *O romance histórico*, inicialmente editada entre 1936 e 37, as bases da teoria da ficção dita histórica aponta características peculiares, que a diferenciam sobremaneira de outras categorizações.

Inicialmente, cabe descrever que Lukács, assim como Ian Watt, faz um levantamento histórico-social do local (Europa, com especial ênfase na França, na Grã-Bretanha e na Alemanha) e da época (virada do século XVIII para o XIX) em que o pretense romance histórico surgiu. Encontra uma realidade em que a já iniciada – e ainda em andamento – Revolução Industrial propiciou um êxodo rural até então ainda não experimentado pelo mundo e seu consequente inchaço dos grandes centros urbanos. Entretanto, enquanto Watt focaliza os anos desde o início do século XVIII, Lukács prioriza a importância da Revolução Francesa para a gênese do romance histórico.

Com esses acontecimentos em evidência, bem como com a crescente individualização do ser humano, floresceu um novo tipo de literatura. No entanto, aprofundando as bases que passavam a romancear acontecimentos antes sequer pensados, Lukács (2011) identifica um autor específico – Walter Scott – que, acompanhando a nova forma de escrita, realiza, na temática, uma imiscuição das inovações e representações da burguesia com a antiga epopeia, que seria, *a priori*, o romance histórico por excelência.

Para Esteves (2000, p. 31),

Embora narrativas fictícias tratando de fatos ou de personagens históricos tenham existido praticamente desde a Antiguidade, costuma-se apontar o nascimento desse gênero no início do século XIX, durante o romantismo, pelas mãos de Walter Scott (1771-1832). Foi resultado de uma série de eventos históricos, como a Revolução Francesa e as consequentes campanhas napoleônicas, que levou o homem da época ao despertar de certa consciência de sua condição histórica. E coube a Scott, no

processo de afirmação do romance como epopeia da burguesia, criar essa nova variante narrativa, cujos personagens, ao mesmo tempo em que estão inseridos no fluxo da história, atuam de modo que seu comportamento explicita as peculiaridades da época apresentada.

Assim, qualquer tentativa de enquadrar uma obra no definido *romance histórico* parte, necessariamente, de uma comparação com as características literárias do escocês que viveu pelo tempo apontado por Ian Watt como a do surgimento do romance. Autor de consagrados livros como *Rob Roy* (1818) e *Ivanhoe* (1819), foi, contudo, com *Waverley*, em 1814, que o escritor nascido em Edimburgo deu, segundo Lukács (2011), origem ao romance histórico.

Para o filósofo húngaro, “a grandeza de Scott está em dar vida humana a tipos sociais históricos” (LUKÁCS, 2011, p. 51). Além disso, ele continua:

As personagens principais dos romances de Walter Scott também [como na epopeia] são personagens nacionais típicas, mas antes no sentido da valente mediania do que no ápice sinóptico. Aqueles são os heróis nacionais da concepção poética da vida; estes, os da prosaica (LUKÁCS, 2011, p. 53).

Isso não significa que em sua obra não encontremos pessoas notáveis para a História Mundial.

Na obra completa de Scott, encontramos as mais importantes personalidades da história inglesa, e também da francesa: Ricardo Coração de Leão, Luís XI, Elizabeth, Maria Stuart, Cromwell etc. Todas essas personagens aparecem em Scott em sua real grandeza histórica. Todavia, Scott nunca se inspira no sentimento de um culto do herói romanticamente decorativo (...) (LUKÁCS, 2011, p. 55)

Ou seja: podemos delimitar como outra das particularidades do romance histórico o fato de, em obras deste tipo, se apresentarem figuras históricas reais. Porém, longe de serem as personagens principais do enredo, já que, “para Scott, a grande personalidade histórica é precisamente o representante de uma corrente importante, significativa, que abrange boa parte da nação. (...) Scott nunca mostra como surge essa personalidade historicamente significativa. Ele sempre a introduz já pronta” (LUKÁCS, 2011, p. 55).

Antes, porém, das personagens, é mister colocar em foco que a temática dos enredos de Scott necessariamente passa por um grande acontecimento de nível nacional, que interfere diretamente na vida de pessoas ordinárias.

O ponto de partida de Scott “(...) é sempre a figuração do modo como mudanças históricas importantes afetam a vida cotidiana do povo, quais mudanças materiais e

psicológicas elas provocam nos homens, que, não compreendendo suas causas, reagem de forma imediata e veemente” (LUKÁCS, 2011, p. 68)

Portanto, no romance histórico, trata-se muito mais de saber de como a História fluiu e como marcou e influenciou o dia a dia de personagens que, enquanto ocorriam os grandes acontecimentos mundiais, precisavam seguir levando as suas vidas, com amores, dissabores, traições, amizades, trabalho e outras trivialidades. Assim, nesse tipo de romance, “(...) a maioria das personagens coadjuvantes é mais interessante e importante do ponto de vista humano que o herói mediano principal” (LUKÁCS, 2011, p. 52).

A respeito desse herói mediano, aliás, também postula Lukács (2011, p. 49): “Em geral este possui certa inteligência prática, porém não excepcional, certa firmeza moral e honestidade que beiram o sacrifício, mas jamais alcançam o nível de uma paixão humana arrebatadora, de uma devoção grandiosa a uma causa grandiosa”. São, por isso mesmo, “mediócras” e incapazes, por si só, de grandes revoluções, mas, “(...) por seu caráter e destino, põem em contato os dois lados do conflito (LUKÁCS, 2011, p. 53).

Resumindo, ao apresentar uma delimitação que parece definitiva, afirma Lukács (2011, p. 60):

No romance histórico (...) não se trata do relatar contínuo dos grandes acontecimentos históricos, mas do despertar ficcional dos homens que os protagonizaram. Trata-se de figurar de modo vivo as motivações sociais e humanas a partir das quais os homens pensaram, sentiram e agiram de maneira precisa, retratando como isso ocorreu na realidade histórica.

Fazendo coro, Weinhardt (1994, p. 51) estabelece que:

Ao romance histórico não interessa repetir o relato dos grandes acontecimentos, mas ressuscitar poeticamente os seres humanos que viveram essa experiência. Ele deve fazer com que o leitor apreenda as razões sociais e humanas que fizeram com que os homens daquele tempo e daquele espaço pensassem, sentissem e agissem da forma como o fizeram. (...) focalizando os detalhes do cotidiano que parecem insignificantes.

### 3. ASFALTO SELVAGEM

#### 3.1 APRESENTAÇÃO DA OBRA

Publicada em forma de folhetim de agosto de 1959 a fevereiro de 1960, *Asfalto Selvagem: Engraçadinha, seus pecados e seus amores* retrata a história da personagem homônima em duas partes.

A primeira, passada em Vitória, Espírito Santo, em 1940, nos apresenta a personagem-título, uma adolescente de 18 anos lasciva e, aparentemente, muito bonita, que mora em uma confortável casa com seu pai viúvo, o deputado Doutor Arnaldo, suas tia Ceci e Zezé e seu tio Nonô. Apesar de noiva de Zózimo, um rapaz extremamente simples e de polidez exagerada, a menina é apaixonada pelo primo que mora na casa da família, Sílvio, futuro noivo da prima e amiga de Engraçadinha, Letícia. Após perder a virgindade com o primo, na biblioteca de casa e durante a festa de noivado de seus primos, Engraçadinha decide romper o noivado com Zózimo e simular uma gravidez.

Doutor Arnaldo, o rígido e autoritário pai da personagem principal da história, que sonhava com os casamentos de Zózimo com Engraçadinha e de Sílvio com Letícia na mesma cerimônia, revela à filha que Sílvio não é seu primo, mas, sim, seu meio-irmão, fruto de uma aventura passada dele com a cunhada. Em seguida, a leva a um ginecologista discreto e de confiança, exigindo que o médico realize o aborto e reconstitua a virgindade perdida - fatos que não se concretizam.

Extremamente atraído pela prima, Sílvio já não consegue mais controlar o seu desejo, chegando a adentrar o quarto dela no meio da noite e copular com Letícia que ali dormia, pensando se tratar de Engraçadinha. Quando fica sabendo que aquele era um amor proibido já que ela era sua irmã, o rapaz compra uma navalha e castra-se, morrendo dias depois no hospital, desiludido com o tio que era, na realidade, seu pai. Sem receber o perdão do sobrinho/filho, Douro Arnaldo suicida-se, imerso nas lembranças de sua cunhada e amante.

Após um discurso que se iniciava com as palavras “Amantes, nunca as teve!” no enterro do deputado, um promotor de justiça chamado Odorico Quintela, ao encontrar alguns conhecidos, levanta a hipótese do pai ter se assassinado por amar a filha e não ser correspondido, em um pensamento repleto de voluptuosidade e desejo pela menina.

Desprovida das pessoas que mais amava e tendo ouvido a confissão da atração física que Letícia sentia por ela, Engraçadinha decide abandonar a antiga vida e fugir com o ex-

noivo Zózimo. Acaba, assim, o primeiro livro, denominado “Engraçadinha, seus pecados e seus amores. Dos 12 aos 18”.

A segunda parte, intitulada “Engraçadinha, seus amores e seus pecados. Depois dos 30”, nos apresenta a uma mulher religiosa morando no subúrbio carioca, casada com o antigo noivo Zózimo e mãe de Durval, de 19 anos – filho, ao que tudo indica, de Sílvio –, e quatro meninas: Matilde, Arlete, Margarida e Silene, a caçula, de 14 anos. Essa é a menina que, dezoito anos depois dos primeiros acontecimentos, encontrada em um esbarrão no centro do Rio de Janeiro pelo agora juiz federal Odorico Quintela, o leva novamente a encontrar o seu antigo objeto de desejo.

Ao perceber a situação financeira desfavorecida em que a família vive e, a fim de tentar conquistar o amor e a admiração de Engraçadinha, Dr. Odorico presenteia a família com diversos mimos, entre eles uma geladeira, objeto caro e inusual para a época. Apresenta-se, constantemente, como “membro do judiciário”, posição da qual se prevalece em diversas situações, da tentativa de aumento solicitada ao chefe de Durval até o pedido a jornalistas e amigos escritores para que escrevam versos para um soneto provocante que faz para Engraçadinha.

A filha mais nova de Engraçadinha é vista por ela como um reflexo dela mesma na idade adolescente: provocante e devassa. Talvez pelo próprio trauma que carrega, a mãe preocupa-se até com o relacionamento da menina com o filho mais velho, que julga próximo demais. Silene, no entanto, namora Leleco, menino tímido da vizinhança que é seu primeiro parceiro na cama, no mesmo dia em que, após ser afrontado por três amigos, ele assassina um deles.

Em outra situação arquitetada para encantar Engraçadinha, seus familiares e amigos, Dr. Odorico visita a delegacia junto de Leleco para explicar o homicídio cometido pelo garoto.

Pela mesma época, reaparece também Letícia, viúva de um homem muito rico e que, durante o mesmo tempo passado, ainda nutre o amor doentio por Engraçadinha. Ao conhecer Silene e percebê-la como muito semelhante à mãe na adolescência, tenta a seduzir sem, no entanto, lograr êxito.

Tudo isso acontece simultaneamente à paixão da personagem principal pelo cerimonial do Itamaraty, Luís Cláudio, a quem, arrebatada pela lubricidade da juventude, transforma em amante, com continuidade do caso não determinada ao fim do romance, no qual Letícia se suicida, deixando uma grande quantia de dinheiro para a família e uma derradeira declaração de amor à prima.



### 3.2 CONTEXTUALIZAÇÃO HISTÓRICA

Realizado entre agosto de 1959 a fevereiro de 1960, o romance se divide em duas partes, já anteriormente citadas. Apesar de conter uma série de referências a personalidades históricas do então presente, a primeira parte não contém tantas alusões a situações atuais quanto a segunda, que compartilha o dia a dia de suas personagens com o cotidiano vivido pelo autor e leitores.

Após o suicídio de Getúlio Vargas, em agosto de 1954, o vice-presidente Café Filho assumiu a presidência da república. Porém, após ter seu candidato à sucessão, Juarez Távora, derrotado nas urnas em 1955, alegando dificuldades de saúde, o vice-presidente de Getúlio Vargas licenciou-se do cargo, a apenas alguns meses da posse do candidato eleito, JK. Carlos Luz, então presidente da Câmara dos Deputados, assumiu interinamente a república. Porém, por pressão do general Henrique Teixeira Lott, que viria a ser ministro de Guerra de Juscelino Kubitschek e temia que Luz não permitisse a posse no ano seguinte do presidente eleito nas urnas por voto direto, o presidente da Câmara foi deposto após apenas 3 dias de governo, dando lugar a Nereu Ramos, então vice-presidente do Senado. A manobra assegurou a posse, em janeiro de 1956, dos já eleitos Juscelino Kubitschek e do vice João Goulart, que haviam derrotado nas urnas, além do situacionista Juarez Távora, os candidatos Adhemar de Barros e Plínio Salgado.

Fausto (1995) crê que os oficiais das Forças Armadas e, particularmente, do Exército, eram partidários de garantir a democracia, preservando a ordem interna e combatendo o comunismo, que representava a “inversão extrema da ordem social”.

No caso do governo Vargas, a maioria dos oficiais do Exército via na deposição do presidente um mal transitório, embora necessário; os “golpistas” esperavam liquidar de uma vez por todas o populismo getulista, interrompendo por tempo indefinido o jogo democrático. Ao iniciar-se o governo JK, a cúpula militar se acalmara. Os partidários do golpe jogaram uma cartada alta na renúncia de Getúlio e na tentativa de impedir a posse de Juscelino, mas tinham perdido. (FAUSTO, 1995, p. 423-424)

O receio dos militares, desde a eleição, era de que Juscelino fosse apoiado pelos comunistas. Porém, para Fausto (1995, p. 424),

Seria preciso uma dose muito grande de fantasia para deixar-se convencer de que Juscelino era um instrumento da República sindicalista ou do comunismo. Não por acaso, os candidatos governistas venceram todas as eleições para a presidência do Clube Militar, em 1956, 1958 e 1960.

Com seu plano de governo norteado por 31 metas, que compreendiam, entre elas, a mudança da capital federal, Kubitschek realizou avanços nos setores de Energia, Transportes, Alimentação, Indústria de Base e Educação. Segundo Fausto (1995, p. 424),

Não devemos imaginar que não existissem inquietações e atos de insubordinação no período. Mas o fato de que rebeliões de oficiais da Aeronáutica tenham-se localizado em áreas distantes dos centros vitais do país (...) mostra como elas representavam mais a expressão simbólica dos inconformados do que uma ameaça efetiva.

Porém, também para o historiador, “na memória dos brasileiros, os cinco anos do governo Juscelino são lembrados como um período de otimismo associado a grandes realizações, cujo maior exemplo é a construção de Brasília” (FAUSTO, 1995, p. 429).

A ousada construção da nova capital iniciou-se no mesmo ano da posse presidencial, com a aprovação do Legislativo. Fausto (1995, p. 430) revela que “o projeto de lei encaminhado pelo Executivo ao Congresso para a construção de Brasília foi aprovado em setembro de 1956, apesar da forte resistência da UDN. Alegavam os udenistas que a iniciativa era demagógica (...)”.

Contudo, as obras dos arquitetos Lúcio Costa e Oscar Niemeyer iniciaram-se em 1957, visando a data de inauguração prevista de 21 de abril de 1960, em homenagem à Inconfidência Mineira.

Nos anos finais do governo do último mandatário brasileiro a tomar posse na antiga capital, a cidade do Rio de Janeiro – período retratado em *Asfalto Selvagem* –, a situação política interna do país era relativamente conturbada.

Já no curso de 1959 surgiram as candidaturas. Após ter sido eleito governador de São Paulo, Jânio Quadros era lançado em abril por um pequeno partido – o PTN –, com o apoio de [o principal opositor de JK, Carlos] Lacerda. (...) O [partido de JK] PSD e o PTB uniram-se mais uma vez, em torno da candidatura do general Lott, tendo João Goulart como candidato a vice-presidente. (FAUSTO, 1995, p. 436)

Ainda segundo Fausto (1995, p. 436), “a UDN hesitava entre o lançamento de uma candidatura própria e o apoio a Jânio. (...) Na convenção realizada pela UDN em novembro de 1959, o apoio a Jânio acabou por prevalecer, com a derrota da corrente partidária de uma candidatura própria”. Fato que se tornou determinante para a sucessão presidencial, uma vez que,

Desde os primeiros tempos de campanha, o favoritismo de Jânio se tornou evidente. Ele reunia as esperanças da elite antigetulista; do setor da classe média que esperava a chamada moralização dos costumes políticos e se via atingida pela alta do custo de vida; assim como da grande maioria dos trabalhadores (FAUSTO, 1995, p. 436-437).

Assim, durante os acontecimentos narrados no livro, era evidente que Jânio era um candidato considerado favorito a suceder Juscelino Kubitschek. Além disso, no geral, *Asfalto Selvagem* demonstra, em algumas passagens, a visão que Fausto (1995, p. 422) tem sobre tal época: “(...) os anos JK podem ser considerados de estabilidade política. Mais do que isso, foram anos de otimismo, embalados por altos índices de crescimento econômico, pelo sonho realizado da construção de Brasília”.

## 4 ANÁLISE DO ROMANCE

### 4.1 O FOLHETIM RODRIGUEANO

A respeito dos folhetins assinados por Nelson Rodrigues, Pastro (2008, p. 216) crê que:

A conexão que encontramos entre tais composições e a “obra séria” do dramaturgo (...) nos fez perceber que esse tipo de literatura, querendo ou não, ajuda-nos a definir, com maior envergadura, o universo cotidiano que nelas imprimiu suas características. Ao fazermos um interrogatório apropriado sobre o fenômeno de leitura que eles representaram, percebemos que esses folhetins, apesar de dotados de uma valoração diferenciada, não são tão merecedores de preterições, pois, antes de qualquer coisa, carregam em suas estruturas significativa importância para a compreensão da totalidade do período histórico em geral (...).

É assim, permeado de diversas situações e personagens do dia a dia, que se configura a obra folhetinesca do autor aqui em foco. Talvez pela infância vivida no subúrbio carioca, onde presenciou e vivenciou casos e ocorrências que depois figurariam em seus textos, suas páginas estão impregnadas de sua peculiar visão de mundo. Em um romance folhetinesco, então, no qual possuía espaço de sobra para explorar situações e pensamentos de cada uma das personagens, seu olhar torna-se ainda mais contundente.

Autor de nove romances, oito deles folhetinescos, Nelson Rodrigues não assinou todas as suas obras com seu próprio nome. Como Suzana Flag, publicou *Meu destino é pecar*

(1944), *Escravas do amor* (1944), *Minha vida* (1946), *Núpcias de fogo* (1949), *O homem proibido* (1951). Sob o pseudônimo de Myrna, *A mulher que amou demais* (1949). Por fim, de própria autoria, lançou *A mentira* (1953) e *Asfalto Selvagem* (1959-60). Para Pastro (2008, p. 179), há diferenciações entre as obras inicialmente divulgadas com outros nomes e as reconhecidas desde o princípio como do dramaturgo:

(...) os folhetins que Nelson Rodrigues assina com o seu próprio nome buscam não apenas reproduzir situações sociais, mas também prescrever os comportamentos que as inspiram. Reforçam (pela caricatura e exagero) a ordem social preconizada e nos remetem aos problemas que a sociedade da época enfrentava.

Assim, percebe-se a preocupação de retratação histórica e social nos folhetins rodrigueanos. No específico caso de *Asfalto Selvagem*, último folhetim publicado pelo autor,

Na aparente naturalidade das falas, no uso repetido das reticências, exclamações e pontos interrogação é possível surpreender a captação da banalidade cotidiana e de cenas corriqueiras. Falares tipicamente cariocas, gírias, subentendidos, elisões, pausas e clichês refletem o habitual da rua (...) (PASTRO, 2008, p. 198).

Além de que, “da primeira à última linha não faltam também marcas identificadoras do período histórico em que a narrativa se passa. Insígnias que tatuavam o cotidiano da época aparecem (propositalmente?) encravadas em cada de talhe, em cada situação (...)”. (PASTRO, 2008, p. 199). Ou seja, em consonância com Pastro (2008), chegamos à conclusão de que tudo na narrativa materializa vivamente o tempo da história contada. Além de que os locais presentes nos brindam com um grande número de personagens que nos apresentam à suburbanidade do Rio de Janeiro da época. Para a mesma autora, a maneira de Nelson Rodrigues criar os seus textos aparenta ser uma experiência que alude à sensibilidade do autor ao tempo então vigente (*idem*).

Dessa forma, ao percorrermos os diferentes textos do dramaturgo (folhetinescos ou não), pudemos constatar que sua produção artística longe estava de ser a-histórica. Não por menos dizíamos que, em cada pequena narrativa, um vasto e saboroso painel das ruas, dos tipos e das situações domésticas ali se encontrava configurado. Também em cada personagem encontramos a agonia asfixiante que o mundo periférico de que o autor fazia parte era capaz de incrustar nos seres; e em cada pensamento, a sondagem intensa das almas humanas que abarrotavam bairros, praças, escritórios e bondes da cidade do Rio de Janeiro dos anos dourados. (PASTRO, 2008, p. 213).

É isso o que faz os folhetins rodrigueanos serem denominados por Pastro (2008) como “frutos de uma época”. Conquanto os “anos dourados” guardem relação no Brasil com um período desenvolvimentista, no qual mudanças de âmbitos de ideologia e comportamento vieram à tona com novas direções políticas e econômicas, a visão predominante seguia presa aos valores antigos.

#### 4.2 A VISÃO LUKÁCSIANA

Para entender a maneira que podemos ver a história acontecendo ao longo das linhas de *Asfalto Selvagem*, inicialmente necessitamos perceber que a época de escrita do romance é de muita influência norte-americana sobre o Brasil. Assim, muitos dos costumes, grifes, filmes e situações citadas ou vividas pela família de Engraçadinha têm a marca do início da imposição do estilo de vida ianque sobre outros países do mundo, situação ainda vivenciada no presente momento.

Em segundo lugar, é imprescindível admitir que a relação que hoje temos com os acontecimentos cotidianos e a História tornou-se algo muito diferente da maneira em que essa disciplina social era vivenciada no século XIX e início do XX, para ficar apenas nos tempos em que Lukács viveu ou nos quais viveram os escritores por ele estudados.

Tendo as agências de notícia papel preponderante e facilitado no momento da informação, bem como a evolução dos meios de transporte, meios de comunicação – primeiro o telex e depois a internet –, além do amplo uso e a facilidade de acesso à fotografia e ao vídeo, hoje vivemos a História praticamente em tempo real, conscientes da importância e do peso de cada acontecimento. Fatos como o terrorismo contra as torres gêmeas do World Trade Center, em 11 de setembro do primeiro ano do século XXI, servem como exemplo cabível do ilustrado.

Assim, é razoável crermos que um acontecimento de vulto como foi a construção de Brasília tenha sido algo similar para os brasileiros. Construir uma longínqua cidade nova para servir de capital nacional, mudar os três poderes para esse novo município, o valor utilizado nas obras, bem como as discussões e a luta pelo poder que cercaram a ida do governo federal, há quase 200 anos instalado no Rio de Janeiro, foram situações em que a História foi vivida em tempo real por todos os brasileiros, sendo amplamente discutida e comentada nas esferas públicas e privadas.

É perceptível o momento retratado por Nelson Rodrigues no romance em foco, já que, para Castro (1992, p. 300-301), “(...) Nelson abriu a narrativa em *Asfalto Selvagem*: situou-a num espaço e tempo definidos, com situações do cotidiano, personagens reais (...)”. O biógrafo rodrigueano também declara que

Se a primeira parte de *Asfalto Selvagem* já era impressionante, a segunda era sensacional, porque Nelson misturava os personagens da ficção com figurantes de carne e osso – a maioria jornalistas seus amigos, que apareciam no folhetim com os seus próprios nomes e, às vezes, nas piores situações: Otto Lara Resende, Wilson Figueiredo, Paulo Mendes Campos, Hélio Pellegrino, Carlinhos de Oliveira, Hermano Alves, Ib Teixeira, Raimundo Pessoa, Amado Ribeiro, o fotógrafo Paulo Reis, o crítico musical Eurico Nogueira França, inúmeros outros. (CASTRO, 1992, p. 302-303)

Como primeiro trecho do romance a delinear o acima dito, tomemos o exemplo do capítulo 50. Enquanto Leleco e sua namorada Silene, filha de sua vizinha Engraçadinha, estão prestes a se iniciarem sexualmente em um bar considerado de má-fama, três jornalistas – personalidades com as quais Nelson Rodrigues convivia – lá presentes debatem assuntos ligados à sucessão presidencial que, como já citado, esteve intimamente ligada à iminente inauguração de Brasília.

Fazendo a volta do parque do Bar, com os outros, o Vidal pergunta ao Raimundo:

- Você acredita em eleições?

E o outro:

- Acredito e olha: - barbada para o Jânio!

- Barbada?

O Ib pula:

- O Lott vai passar direitinho o Jânio na cara!

Vidal ri, feroz:

- Oh, seus zebus! Não vai haver eleição nenhuma! Não há outra saída: - é o golpe! A turma se convenceu que, no voto, o Jânio ganha. Ora, ninguém vai dar posse ao Jânio, claro! Ou você acha que alguém vai dar posse ao Jânio?

Raimundo, sem elevar a voz, (mas numa convicção inexpugnável) quer saber:

- E se ele for eleito?

Ib abafa os outros com o seu vozeirão: - “O Lott ganha ou no voto ou na ignorância!” Vidal grita:

- Um momento! Vocês querem escutar, carambolas? – os outros calam-se e ele continua, triunfante: - Você me chama de “pau-de-arara”, mas escuta aqui: - o Jânio eleito sem eleição e, talvez, assassinado?

(...)

Vendo a menina na cama, Leleco vacila. Seu primeiro impulso, logo reprimido, foi da fuga pânica. Sofrendo como nunca, olha a cadeira, no meio do quarto. Lá estão as roupas de Silene. “é linda, tão linda, mas...” Pergunta a si mesmo, desesperado: - “Por que ela se despiu? Por que não esperou?” A menina chama:

- Vem.

Do lado de fora, junto à janela do quarto, há uma discussão. Dois ou três homens discutem. Um deles exalta-se:

-Olha aqui; se derem um golpe! Mas escuta! Se derem um golpe! Vocês me deixam ou não me deixam falar?

Leleco aproxima-se, lentamente, da cama: “Por que eu não sou como os outros? Ela não sabe que eu não sou como os outros!” E não entende que ela não percebe a sua angústia. O próprio Leleco está espantado. Pensa: - “Não sei como se pode sofrer tanto”.

Apanha na cadeira a saia da menina. Volta e, sem uma palavra, cobre a nudez de Silene. A garota não entende (começa a sofrer):

- Não gostou?

- Gostei, mas...

Pára, sem ter nada que falar. Ao mesmo tempo, faz a si mesmo a pergunta: - “Digo ou não digo que não sou como os outros?” Do lado de fora, um sujeito está dizendo (junto à janela):

- A salvação é o golpe!

Outro responde:

- Se tocarem no Jânio, toma nota: - é a guerra civil!

(...)

Silene está com a saia por cima da nudez. Leleco senta-se na cama:

- Escuta.

Pergunta:

- Não me quer?

E ele:

- Vamos morrer?

Faz espanto?

- Sem amor?

(...)

Leleco inclina-se para ela:

- Morrer no mar.

Segurando a saia na altura dos seios, repete:

- Mas sem amor?

Os homens de fora ainda berram:

- O Lott devia tomar o poder no peito! Ditadura militar!

Outro reage:

- Com que roupa?

(...)

Dir-se-ia que estão falando dentro do quarto “Que gente!” é a raiva de Silene. Decide: - Morrer virgem, não!

(...)

O psiquiatra fala: - “As senhoras de família seriam melhores mães e esposas se dissessem palavrões”. Silene está pensando no filme. Agarra-o; aperta sua cabeça com os braços; diz, trincando os dentes: - “O filme! O filme!” Leleco custa a perceber. De repente, uma selvagem alegria rompe das profundezas do seu ser. Ergue o rosto. Os dois se olham e se entendem.

Junto da janela do quarto, o sujeito berra, exultante:

- Com esse dólar histórico é um crime não dar o golpe!

Réplica de um terceiro:

Golpe, vírgula! Guerra civil! (RODRIGUES, 2008, p. 291-293)

Importante ressaltar, a princípio, que a conversa parece emular as opiniões que a população brasileira mantinha a respeito das eleições então vindouras. Apesar da popularidade latente de Jânio Quadros, como já citado, era grande o medo de um golpe militar, que veio a ocorrer poucos anos depois.

Em seguida, é imprescindível salientar também que estamos diante de um em diversos exemplos de fatos preponderantes para a História brasileira que ocorre enquanto a vida cotidiana segue sendo vivida. Ou seja: como visto nos romances de Walter Scott, enquanto as altas figuras políticas amarram apoios, planejam o pleito e constroem a nova capital federal, as pessoas convencionais continuam se relacionando, namorando, perdendo a virgindade e até indo ao cinema. O filme citado no trecho trata-se de *Les amants*. De acordo com Castro (1992, p. 302),

Enquanto a história se passa, o Rio está assistindo ao filme de Louis Malle, *Les amants*, em que Jeanne Moreau e Jean-Marc Bory supostamente praticam um *fellatio*, imperceptível aos olhos de hoje, mas que, na época, era um deus-nos-acuda. O filme é um *background* para toda a ação: os que mais o condenam são os que mais querem vê-lo, desde que ninguém fique sabendo.

Porém, levar uma vida normal é difícil quando se precisa mudar de cidade para seguir exercendo a sua profissão. Motivo de fascinação para alguns funcionários públicos, para a maioria deles, no entanto, a mudança era um entrave. Segundo Fausto (1995, p. 429-430), “na época, a fundação de uma nova capital dividiu as opiniões e foi considerada um tormento pelo funcionalismo público da antiga capital da República, obrigado a transferir-se para o Planalto Central do país”.

No romance, esse fato pode ser verificado nos outros dois trechos selecionados. O primeiro, pinçado do capítulo 83, demonstra o encantamento de Dr. Odorico com a nova vida que se prenuncia.

- Escuta, Engraçadinha. Apenas uma pergunta, uma curiosidade. – Toma respiração e continua: - Você iria pra Brasília?  
E ela:  
- Brasília?  
Anima-se:  
- Pois é. Brasília. Você, o Zózimo, todos. Gostaria de ir? Estive lá e olha: - está uma beleza. De arrepiar, entendeu? Porque – presta atenção: - o Zózimo, já é funcionário e a transferência arranja-se, ouviu? Arranja-se. Tenho relações e estou disposto a queimar todos os cartuchos.  
(...)  
Então, com uma curiosidade sonhadora, como se Brasília pertencesse a um outro mundo, Engraçadinha pergunta:  
Como é que é lá, hein?  
Dr. Odorico começa a sentir uma certa insuficiência verbal:  
- Bem. Brasília. Deixa eu te explicar. É inútil, Engraçadinha, é inútil. Vou fazer uma comparação. Não adianta. Só vendo. O sujeito tem que ir lá. Brasília é uma coisa tão formidável, mas tão que...  
(...)  
Sentindo-se com a facilidade verbal de um Otto Lara, o juiz volta a Brasília:  
- Sabe que o Judiciário vai pra lá, não sabe?



Faz espanto:  
 - Quer dizer que vamos perder um amigo?  
 Protesta, vivamente:  
 - Depende de vocês. Exclusivamente. Mais de vocês do que dos outros. Se  
 você quiser ir, olha: - eu arranjo a transferência de Zózimo. Arranjo. (...)  
 (RODRIGUES, 2008, p. 479-480)

O excerto acima, vivido entre o juiz e sua musa inspiradora em um momento extremamente frugal e coloquial – dentro de uma sorveteria, aguardando para serem atendidos – dá novamente o tom do quanto a inauguração de Brasília se fazia presente na vida de todas as personagens. Enquanto os rumos nacionais eram decididos, o futuro dos envolvidos também era determinado pelas conversas e discussões de um amante platônico que teria de se mudar para a nova cidade e gostaria de ter a companhia de sua pretensa namorada, junto da família.

Fica, também, ao menos sugerido, o posicionamento do autor a respeito de Brasília. O folhetim, para Castro (1992, p. 304), “na verdade, era a maneira de Nelson fazer colunismo político, crítica literária e crônica social – sem paralisar a ação e, ao mesmo tempo, escrever o que pensava sobre cada um”. O apoio dado a Brasília foi depois comprovado já que, do dia 20 para o dia 21 de abril de 1960, Nelson Rodrigues viajou cerca de 20 horas de ônibus do Rio à nova capital para vivenciar a inauguração (CASTRO, 1992).

Por fim, a história se encaminha para um final que retoma a postura libidinosa e provocativa da personagem Engraçadinha, que inicia um relacionamento extraconjugal com Luís Cláudio, um membro do Ministério das Relações Exteriores. Por, a exemplo do Dr. Odorico, também ser funcionário público federal e estar de mudança marcada para Brasília, o cerimonial do Itamaraty também sugere à sua amante, no capítulo 104, fugir com ela:

(...)  
 - Olha! Sei que, hoje, os amantes não fogem. Ninguém foge. Mas olha: - sabe para onde a gente podia fugir?  
 (...)  
 Trouxe Engraçadinha para seu colo:  
 -Podíamos ir para Brasília.  
 - Brasília?  
 E ele:  
 - Presta atenção. Não chora, Engraçadinha. Está chorando por quê? Lá eu tenho amigos. Escuta. Enxuga as lágrimas. Toma o meu lenço e enxuga.  
 (...)  
 Largo o Itamaraty, largo tudo. Você vem comigo. Arranjo um emprego braçal. Ouviste? Braçal! (RODRIGUES, 2008, p. 604)

Mesmo sem um aceno positivo de Engraçadinha, Luís Cláudio opta por abandonar sua função no cerimonial do Ministério, questionando qual seria a sua relação com um acontecimento importante para o país, qual seja, a visita do presidente americano:

(...) O telefone chama e, súbito, atendem. Julga desfalecer de felicidade:

- Luís?

Era ele. Por um momento, Engraçadinha teve vontade de rir e de chorar. A voz morria no fundo do ser. Luís Cláudio dizia, febrilmente:

- Coração! Escuta! Que bom ver você telefonando! Não fui para Brasília! Agora mesmo eu ia sair para Vaz Lobo. Está ouvindo? Ia procurar falar contigo de qualquer maneira!

(...)

Não fora para Brasília. Apareceu no aeroporto, de blusa azul.(...)

- Não vou.

(...)

- Não vou pelo seguinte. Vocês deixam eu falar? Pelo seguinte: - eu estive pensando. O que é que eu tenho com a recepção do Eisenhower? O que é que eu tenho com o próprio Eisenhower?

Kubitschek (2000) afirma que o presidente americano Dwight Eisenhower comunicou sua viagem ao Brasil, com visitas a Brasília, São Paulo e Rio, no mês de janeiro de 1960. Como esse fato participou ativamente do romance, notamos outro momento de grande importância para o Brasil que influenciou a vida das personagens. O então presidente da República revela mais detalhes a respeito dessa viagem, que, na realidade, ocorreu no fim de fevereiro de 1960, poucos dias após o término do folhetim:

Durante a viagem [de Brasília ao Rio de Janeiro] conversei longamente com Eisenhower. Ele se sentia feliz com a recepção que tivera em Brasília. No íntimo, eu alimentava certa apreensão sobre o que pudesse ocorrer no Rio. O povo carioca é desinibido e incapaz de recalcar sua espontaneidade. Além do mais, a campanha de sentido nacionalista, desencadeada por elementos exaltados, havia contagiado a opinião pública. Daí a razão da minha apreensão. Entretanto, a recepção que lhe foi tributada pela população carioca não deixou de ser calorosa. (KUBITSCHEK, 2000, p. 328)

Depois de algumas passagens em que Luís Cláudio conta a Engraçadinha como estavam os bastidores do Itamaraty para a recepção ao presidente americano, um banquete de homenagem – sobre o qual é grande a discussão a respeito da indumentária adequada e outros detalhes –, é mencionado algumas vezes como motivo do cansaço e da desmotivação do rapaz com o evento. Tal banquete foi realmente realizado, segundo Kubitschek (2000, p. 328): “durante o dia, o presidente norte-americano visitou o Congresso Nacional e o Supremo

Tribunal Federal, nos quais foi recebido em caráter solene. À noite, realizou-se no Palácio Itamaraty o banquete oficial, com que o homenageei”.

Logo após pedir demissão, Luís Cláudio encontra um amigo, com o qual conversa, já no último capítulo, demonstrando insatisfação com o antigo emprego:

- O Itamaraty estava sentado na minha alma! O Estado me pagava para ser cretino! Acabou!  
 Abdias solta um pouco do riso grosso e racial:  
 - Vamos comemorar!  
 Luís Cláudio não podia. Naquele momento, não. Engraçadinha o esperava na Cinelândia. (...) (RODRIGUES, 2008, p. 646)

E segue encontrar a amante:

Luís Cláudio segue até o Pathezinho. Engraçadinha está lá. Muito olhada, passa pela frente do carro e vem sentar-se ao lado do rapaz. Está numa angústia radiante:  
 - Meu bem, vamos sair daqui! Pelo amor de Deus, vamos!  
 (...)  
 Pensa: - “É a última vez! Querido, é a última vez! Querido, é a última vez!”;  
 (RODRIGUES, 2008, p. 648)

É dessa maneira que somos apresentados a mais um detalhe do desfecho aberto dessa narrativa rodrigueana. Ao desistir de trabalhar no cerimonial do Ministério das Relações Exteriores, apostando na continuidade da relação com Engraçadinha, Luís Cláudio toma uma decisão que interfere em toda a sua vida, no exato momento em que a visita do presidente Eisenhower e a inauguração de Brasília também mudarão para sempre a História brasileira. Todavia, o pensamento de Engraçadinha, que reforça outros anteriores de que “seria apenas aquela vez e nunca mais”, não nos dá pistas se o relacionamento continuará ou não. Da mesma forma, não somos informados, com a leitura da obra, se Brasília foi ou não inaugurada, se Juscelino Kubitschek conseguiu ou não eleger o seu sucessor, se houve ou não golpe militar no Brasil.

É exatamente por essa característica aberta da obra é que existe a dificuldade de enquadrar *Asfalto Selvagem* entre os romances ditos históricos conforme a concepção de Lukács, estando tal obra mais a caráter para ser adequada à visão de Bastos (2007), de romance “político”, a saber, um tipo de obra que também lança mão da História para compor seu enredo, porém, não conclui, sequer de forma ficcionalizada, os acontecimentos relacionados ao fato histórico em foco.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao dissertar a respeito do romance histórico, Esteves (2000, p. 31-32) postula que:

O esquema do romance histórico criado por Scott, que acabou por se impor como modelo, obedece a dois princípios. O primeiro deles é que a ação ocorre em um passado anterior ao presente do escritor, tendo como pano de fundo um ambiente rigorosamente reconstruído, onde figuras históricas ajudam a fixar época. Sobre esse pano de fundo situa-se uma trama fictícia, com personagens e fatos inventados pelo autor. Além disso, como segundo princípio, os romances de Scott e seus seguidores, bem ao gosto romântico, costumam introduzir na trama ficcional um episódio amoroso geralmente problemático, cujo desenlace pode variar, ainda que, na maioria das vezes, termine na esfera do trágico.

Sendo assim, é natural que questionemos ambos os princípios, confrontando o romance com essa visão.

Em primeiro lugar, pelos trechos analisados no capítulo anterior, vale dizer que *Asfalto Selvagem*, parece atender, em maior ou menor grau, a todas as características apontadas como padrões do romance histórico. No entanto, a questão da ação ocorrer – na segunda parte da obra – no presente do escritor, no qual personalidades históricas convivem na realidade de personagens fictícias, é o primeiro empecilho para considerarmos a obra rodrigueana como um romance histórico nos moldes propostos por Lukács.

(...) o romance histórico romântico, ‘clássico’, atribuía ao narrador uma perspectiva de inequívoco distanciamento temporal em relação à matéria narrada, apresentada como o ‘outrora’ de um presente que ele, narrador, confundido-se com o autor, julgava partilhar com o leitor contemporâneo (BASTOS, 1999, p. 151).

No entanto, “a narrativa da modernidade e, sobretudo, a da pós-modernidade, têm renunciado a tal expediente autoritário, experimentando incontáveis opções diferentes do cômodo distanciamento temporal” (BASTOS, 1999, p. 151-152).

Assim, *Asfalto Selvagem*, com sua maior parte desenrolada ao longo do tempo presente e das situações cotidianas do escritor, em muito difere das realizações dos romances históricos do século XIX, nos quais, se valendo de uma posição de vantagem em relação ao já ocorrido, o narrador tomava o leitor pela mão, guiando-o como achasse melhor pelo passado. Portanto, “uma alternativa à recusa liminar de que um romance seja histórico quando ‘os

acontecimentos narrados transcorrem durante a vida ao autor [sic]' (...) poderia ser a aceitação do mesmo romance como político (...)” (BASTOS, 2007, p. 99).

Entretanto, pensar que o fato de Nelson Rodrigues estar escrevendo *in media res*, ou seja, durante o acontecimento dos fatos, seria a única circunstância a restringi-lo de nos apresentar *Asfalto Selvagem* como um romance histórico clássico, é errôneo. Para Bastos (1999, p. 155)

Esse caráter aberto da narrativa não é consequência direta do fato de o romance ter sido publicado quando os fatos históricos que nele estavam ficcionalmente representados ainda estavam de fato em andamento. Nada impedia que o narrador, usando das prerrogativas que sua condição de entidade ficcional lhe confere, se projetasse até o ‘futuro’ e dali contasse em que, afinal de contas, dera tudo aquilo, ao menos como expressão de um desejo, ou como incitação a que os homens de carne e osso construíssem tal realidade.

Dessa maneira, o que pode caracterizar *Asfalto Selvagem* como um romance político e não histórico é o seu caráter “aberto”, ou seja, a opção pela não conclusão da matéria histórica, imaginada ou inferida, já que, também para Bastos (1999, p. 155-156), “mesmo que textualmente o narrador explícito se apresente como contemporâneo ou não dos fatos narrados, é sua opção pelo caráter epilógico ou inconcluso da narrativa que responde pela condição ‘histórica’ ou ‘política’ do romance”.

A título de definição e reforço, Bastos (2007, p. 100) assim delinea o romance dito político:

(...) espécie de romance que também se apropria de matéria de extração histórica, mas que, diferentemente do romance histórico, surpreende os acontecimentos ainda de uma perspectiva temporal – qualquer que seja o elemento eleito como referencial: autor, narrador, leitor – tão próxima que seus contornos históricos não estão definidos com a desejável nitidez.

E completa asseverando que

[A prerrogativa do narrador de ficção escolher seu tempo] parece apontar para a impossibilidade de ser tomado o tempo do narrador como referência única na determinação da remotividade e, conseqüentemente, da historicidade da matéria narrada, como era perfeitamente aplicável ao caso do romance histórico romântico. Daí a alternativa já sugerida de observar-se se o relato, qualquer que seja a perspectiva temporal do narrador, apresenta caráter conclusivo quanto ao acontecimento histórico ou se o mantém suspenso, indefinido (BASTOS, 2007, p. 104).

## REFERÊNCIAS

- ARNT, Hérís. **Jornalismo e ficção: as narrativas do cotidiano**. Disponível em: [http://www.contemporanea.uerj.br/pdf/ed\\_03/contemporanea\\_n03\\_05\\_arnt.pdf](http://www.contemporanea.uerj.br/pdf/ed_03/contemporanea_n03_05_arnt.pdf). Acesso em 22. fev. 2013.
- BASTOS, Alcmemo. **Introdução ao romance histórico**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2007.
- \_\_\_\_\_. Ali e Outrora, Aqui e Agora: Romance histórico e Romance político, limites. In: LOBO, Luiza. (Org.) **Fronteiras da Literatura**. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1999. p.151-157
- CASTRO, Ruy. **O anjo pornográfico: a vida de Nelson Rodrigues**. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.
- ESTEVES, Antonio Roberto. **O romance histórico brasileiro contemporâneo (1975-2000)**. São Paulo: EdUNESP, 2010.
- FAUSTO, Boris. **História do Brasil**. 2. ed. São Paulo: Ed. da Universidade de São Paulo, 1995.
- GRAMSCI, Antonio. **Literatura e vida nacional**. 2.ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1978.
- LUKÁCS, György. **O romance histórico**. São Paulo: Boitempo Editorial, 2011.
- RODRIGUES, Nelson. **Asfalto Selvagem: Engraçadinha, seus pecados e seus amores**. Rio de Janeiro: Agir, 2008.
- WATT, Ian. **A ascensão do romance**. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.
- WEINHARDT, Marilene. **Considerações sobre o romance histórico**. Curitiba, Editora da UFPR, 1994.